Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

PENSAR E SENTIR PARA (RE)EXISTIR: Geografias emocionais e fotobiografias de estudantes de Geografia

Marcia Alves Soares da Silva
marciaalvesgeo@gmail.com

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0454-2224

RESUMO

A Geografia das Emoções problematiza as emoções enquanto mediação sócio-espacial, sendo compreendidas como parte da ação dos sujeitos na construção de espacialidades significativas. Com esse interesse, discutimos o tema com foco em temáticas urbanas no contexto do ensino da Geografia no ensino superior. Apresentamos, a partir de uma reflexão teórica e conceitual, as geografias emocionais no/do ensino da Geografia e as experiências urbanas de alunos do curso de Graduação em Geografia, utilizando as fotografias como formas de representação das suas espacialidades emocionais. Apontamos que a inclusão de temáticas subjetivas no ensino da Geografia são caminhos na construção de laços significativos entre os envolvidos – discentes e docentes –, e colocam em pauta uma análise sobre o espaço urbano a partir de uma dimensão sensível, pensando as emoções como fontes de construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Emoções, Espaço urbano, Geografias emocionais no/do ensino, Geografia das emoções.

THINKING AND FEELING TO (RE-) EXIST": emotional geographies and photobiography of Geography students

ABSTRACT

The Geography of Emotions problematizes emotions as socio-spatial mediation, being understood as part of the action of the subjects in the construction of significant spatialities. With this interest, we discussed the theme with a focus on urban themes in the context of Geography teaching in higher education. We present, from a theoretical and conceptual reflection, the emotional geographies in / teaching Geography and the urban experiences of undergraduate students in Geography, using photographs as ways of representing their emotional spatialities. We point out that the inclusion of subjective themes in the teaching of Geography is a relevant path of meaningful connections between those involved - students and teachers -, and they focus on an analysis of urban space from a sensitive dimension, thinking emotions as sources of knowledge construction.

KEYWORDS

Emotions, Urban space, Emotional geographies of teaching, Geography of emotions.

Introdução

Eu gosto do absurdo divino das imagens.

Manoel de Barros (2015)

A compreensão de nossas vivências espaciais no/do cotidiano pode ser realizada a partir de diferentes perspectivas, sendo férteis as contribuições da Geografia. Na perspectiva geográfica, um dos grandes desafios é entender as subjetividades presentes nessas vivências e que são parte intrínseca de nossas espacialidades. Recentemente, pesquisadores e pesquisadoras têm refletido sobre o tema com foco nas emoções, construindo um debate no campo da chamada "Geografia das Emoções" ou "Geografias Emocionais".

A Geografia das Emoções tem por objetivo compreender nossas relações emocionais com os lugares, utilizando um arcabouço teórico e metodológico de correntes consolidadas da Geografia, como a Geografia Humanista, além de ampliar o diálogo com outras áreas do conhecimento, a fim de introduzir a discussão sobre o papel de mediação das emoções nas contradições, conflitos, transformações e outros processos espaciais. A emoção é entendida como parte da construção do conhecimento e também de espacialidades significativas.

As emoções fazem parte da condição humana e dão sentido e significado para nossas vidas. Na racionalidade científica, tal debate foi deixado de lado, o que mostra a relevância de colocarmos a discussão em pauta, tendo em vista que tal racionalidade não consegue explicar todos os fenômenos que acontecem na vida social. Pensar as emoções na Geografia nos permite entender diferentes contextos sociais, o nosso envolvimento com os lugares e que as emoções não se restringem a uma questão biológica, mas que nos possibilitam agir no mundo, portanto, não são experiências apenas individualizadas, mas também coletivas e contextualizadas. Nossas experiências emocionais oportunizam construir memórias, pertencimentos, significados, e qualificam os lugares, sendo, portanto, parte de nossas histórias.

O debate sobre as emoções na Geografia ampliou-se a partir dos anos 2000, em especial, nas discussões internacionais. Na Geografia brasileira e na América Latina, a discussão é incipiente, e a atenção sobre o tema pode nos oferecer outras perspectivas para (re)pensar nossas teorias e práticas geográficas. Foi com base nesse entendimento que o tema foi problematizado na Tese de Doutorado em Geografia, cujo objetivo foi pensar a Geografia das Emoções a partir de uma perspectiva simbólica e com base em narrativas de histórias de vida.

A discussão é transversal na Geografia, sendo que alguns dos temas discutidos na Geografia das Emoções incluem a agorafobia, estudos do corpo e questões estéticas, estresse pós-traumático, migração transnacional, ativismo e sustentabilidade emocional, espaços de gênero, urbanidade e medo e geografias emocionais no/do ensino.

Um dos caminhos que temos trabalhado sobre a temática é em diálogo com a Geografia Urbana no ensino da Geografia. Aqui apresentamos o resultado de uma reflexão a partir das experiências de alunas e alunos do curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em que foi lançado o desafio de pensar a disciplina de Geografia Urbana com um olhar mais sensível, com atenção às emoções que essas alunas e alunos experienciavam em suas práticas cotidianas. A partir de fotografias, compartilharam em um debate coletivo, as experiências espaciais que representavam suas geografias emocionais particulares e refletiram como suas emoções assemelhavam-se com outras experiências espaciais do grupo. Ao dividirem com todas e todos suas vivências mais íntimas, essas experiências foram reveladas a partir de risos, choros, angústias, saudades, nostalgias...

Com isso, discutimos inicialmente o papel das Geografias Emocionais no/do ensino da Geografia, com base num debate teórico e conceitual sobre o tema. No segundo momento, refletimos o papel da fotografia — aqui discutidas como *fotobiografias* —

como um recurso metodológico para relacionar as experiências emocionais e espaciais, tendo em vista a ênfase que dá no sujeito e a possibilidade de revelar sua história de vida a partir da imagem. Por fim, trazemos ainda a experiência empírica sobre o debate, apresentando o relato sobre as geografias emocionais desses alunos e alunas a partir de suas fotobiografias, e que após o diálogo coletivo, foram organizadas em uma exposição fotográfica. Nessa reflexão protagonizada por essas alunas e alunos, puderam relatar como a dinâmica estimulou uma relação de diálogo e proximidade entre eles e também com a professora, onde percebemos que fomentar esses espaços pode contribuir com experiências mais democráticas, horizontais e de respeito em sala de aula e na construção do conhecimento geográfico, tanto nos locais de ensino, quanto fora dele.

Geografias emocionais no/do ensino: as questões emocionais em sala de aula

As experiências cotidianas são construídas não só por aquilo que vemos, por sua dimensão material e concreta, mas também é animada pelas relações imateriais e simbólicas, que nos conectam aos espaços e às relações que estabelecemos com os outros. As emoções são parte fundamental dessas conexões, dando sentido e significado para a forma como organizamos, vivemos, nos relacionamos com o mundo.

Nesse sentido, nos interessa pensar as emoções nos contextos sociais e culturais, como questão central para o nosso agir espacial e como mediação na construção de espacialidades emocionais, podendo ser fontes de construção de um conhecimento geográfico que aproxima subjetividades e experiências espaciais individuais e coletivas.

O debate sobre as questões emocionais têm ganhado fôlego nos últimos tempos, em especial, com a chamada "virada emocional" nas Ciências Humanas e que também vai repercutir na Geografia. A Geografia das Emoções está em evidência no contexto internacional com artigos, eventos e libros sobre o tema, em que se discute as emoções enquanto mediações na nossa interação espacial. Ao elencar determinadas emoções como o medo, a nostalgia, a saudade, a vergonha, a felicidade e outras emoções, apontam a essência espacial da experiência emocional, em que os espaços são singulares a depender da relação emocional que tecemos com tais espaços.

Para Bondi, Davidson e Smith (2007), a Geografia tradicionalmente reflete sobre os espaços quase que exclusivamente em função de princípios racionais e demarcados por lógicas políticas, econômicas ou técnicas, desprezando a potencialidade emocional de pensar o espaço geográfico. Um dos desafios é o fato das emoções não serem

facilmente definidas, observadas, mapeadas, portanto, há um desafio metodológico no tratamento do tema. No entanto, de acordo com os autores, há um interesse recente em discutir tal questão, resgatando alguns aspectos tradicionais da Geografia e reconhecendo nessa *emotional turn*, a presença de emoções em nossas interpretações e entendimentos do mundo, portanto, entendendo que o tema pode ser incorporado nas diferentes áreas da Geografia, de forma transversal e interdisciplinar.

A Geografia das Emoções é definida como uma proposta que busca reconhecer as emoções como formas de saber, ser e fazer no sentido mais amplo, valorizando a diversidade dos sentimentos e sentidos, acentuando tonalidades, espaços e tempos, portanto, privilegia a polifonia que anima a vida (ANDERSON; SMITH, 2001; ANDREOTTI, 2013). Assim, as emoções são entendidas também como fontes de construção do conhecimento, potencializando a inserção de outras formas de ver a vida.

As reflexões da Geografia das Emoções valorizam a experiência humana e as ligações de sentido e significado que são estabelecidas nas vivências espaciais. Entende-se que há uma relevância simbólica dos lugares em função da associação emocional que estabelecemos com tais lugares, em que as emoções "qualificam" nossas experiências espaciais. Esse entendimento levantam questões do tipo: como nos conectamos emocionalmente com os lugares? Como isso está associado às transformações da vida cotidiana? Como as emoções são expressas em determinados contextos? De que maneira fazem parte da vida social e cultural?

A Geografia das Emoções considera a temporalidade e espacialidade das emoções, em que grande parte da importância simbólica dos lugares decorre das suas associações emocionais, portanto, não são interiorizadas em estados mentais inteiramente subjetivos e portanto, individuais (BONDI, DAVISON, SMITH, 2007).

Sobre isso, Luna e Valverde (2009) afirmam que as emoções às vezes se referem a memórias e podem reproduzir odores, sons e sensações do passado. Ver uma fotografia, o som de uma música, o gosto de vinho ou o cheiro da chuva nos faz lembrar os momentos de alegria, nostalgia ou qualquer outra emoção, que são associadas a esses acontecimentos e memórias. Essa leitura dos autores coloca em evidência o papel da fotografia, o que nos interessa diretamente, sendo a imagem como parte de nossa experiência emocional com os lugares, evidenciada no ato de fotografar e relembrar.

Pensando a relevância das emoções como parte da construção do conhecimento geográfico, questionamos como é possível refletir sobre o tema em sala de aula, tanto numa perspectiva teórica quanto empírica, isto é, pensando as emoções dentro de sala

de aula, na relação intersubjetiva tecida entre professores e alunos, quanto como debate transversal para as pesquisas geográficas.

A discussão sobre a Geografia das Emoções do/no Ensino entra no rol de interesse das pesquisas que envolvem emoções e Geografia. Nessa reflexão, há o entendimento que o próprio contexto escolar pode ser lido a partir de uma esfera emocional, em que o debate no ensino da Geografia pode fomentar uma outra leitura não só sobre os temas geográficos, mas o próprio espaço da sala de aula.

Conforme Watkins (2011), é importante considerar a particular espacialidade das salas de aula e como elas funcionam como lugares afetivamente carregados. Em sua perspectiva, a afetividade das salas de aula, particularmente nos primeiros anos de escola, é intensificada dada a natureza de sua interioridade, a proximidade e a natureza prolongada da interação corporal que ocorre ali e o apego pessoal que cada um de seus ocupantes sente por esses espaços.

De acordo com o autor, há no processo de ensino e aprendizagem, um investimento alimentado pelos afetos que circulam nos espaços e nas salas de aula e nos locais de interação. Para Watkins (2011) essas relações emocionais são corporificados e ultrapassam os espaços em que foram gerados e, como constitutivos da subjetividade, afetam todos aqueles com quem esses corpos, por sua vez, interagem. Essas relações sugerem uma dimensão ética do ensino e como a interatividade do processo não é apenas central para a aprendizagem do aluno, mas é constitutiva das relações humanas em geral, fornecendo os meios na intersecção de corpos e espaços.

Sobre isso, Hargreaves (2001) afirma que essas abordagens mais construtivistas à aprendizagem dão maior ênfase na resolução de problemas e aplicação de conhecimento, e aumentam a atenção à criatividade. O autor acredita que ensinar e aprender também são práticas emocionais, portanto, para ele, o espaço escolar é um exemplo de geografia emocional.

Nesse sentido, as geografias emocionais descrevem os padrões de proximidade e distância nas interações humanas que moldam as emoções que experimentamos sobre relacionamentos com nós mesmos, com o outro e com o mundo ao nosso redor. Assim, emoção e cognição, sentir e pensar, combinam em todas as práticas sociais de formas complexas (HARGREAVES, 2001).

> [...] as geografias emocionais da interação humana não são apenas fenômenos físicos. Podemos nos sentir distantes das pessoas que estão ao nosso lado, mas perto de entes queridos que estão a quilômetros de distância. Emoções têm geografias imaginárias (Shields, 1991) de proximidade psicológica ou distância,

> bem como físicas. As geografias emocionais são, portanto, subjetivas e objetivas por natureza (HARGREAVES, 2001, p. 1062, tradução nossa).

Kenway e Youdell (2011) refletem o tema através de análises socioculturais-espaciais de educação e emoção. Os autores questionam o fato da emoção não ser formalmente parte da educação, de seus fundamentos filosóficos, de seus imperativos políticos e curriculares ou, muitas vezes, até mesmo de suas representações do dia a dia. É preciso unir as compreensões socioculturais e discursivas da emoção, pensando uma concepção da espacialidade da emoção.

Podemos compreender e demonstrar as formas pelas quais as intensidades afetivas fluem através dos locais e encontros educacionais, pensando a intersubjetividade no processo educativo e o espaço escolar como uma geografia emocional, rompendo a visão na educação do espaço escolar como um espaço passivo. Ao problematizarem um estudo de caso sobre o tema, Kenway e Youdell (2011) revelam que os afetos são transmitidos não apenas em relação a este espaço de sala de aula, mas também entre corpos, isto é, são "intercorpóreas". Há, portanto, forças afetivas nas micro-geografias da escola e que este espaço acumula afetos.

Essa questão apresenta-se de forma visível no trabalho dos professores, porque é possível entender, por exemplo, como suas emoções são moldadas pelas condições variáveis do seu trabalho ou como estas emoções manifestam-se nas interações com alunos, pais, administradores e entre si. Hargreaves (2001) fala sobre uma distância social entre professor e aluno, e que enaltecer as geografias emocionais pode trazer um outro olhar sobre o aluno que ultrapassa os muros do espaço escolar.

> Como uma prática emocional, o ensino ativa, colore e expressa os sentimentos e ações de professores e aqueles que eles influenciam. Professores podem entusiasmar seus alunos ou aborrecê-los, ser acessível ou pouco comunicativo com os pais, confiar em seus colegas ou suspeitar deles. Todo o ensino é portanto, inextricavelmente emocional [...] (HARGREAVES, 2001, p. 1057, tradução nossa).

Pensando a partir da Geografia, Lima (2015) aponta que as competências socioemocionais enriquecem o ensino-aprendizagem da disciplina geográfica. O autor vê a importância de incluir a dimensão emocional do saber/fazer geográficos, mobilizando as emoções na prática em sala de aula e na pesquisa científica "à luz dos debates contemporâneos sobre a epistemologia que lastreia as geografias emocionais" (LIMA, 2015, s/p). Isso quer dizer que é preciso estar atentos às competências cognitivas, pautando ainda o respeito, a responsabilidade e a

solidariedade, que devem ser tomados como guias da prática docente e discente da geografia escolar. Portanto, é preciso atenção dessas dimensões, que fazem parte também da experiência emocional, na pesquisa-ensino da Geografia.

> As emoções devem ser mobilizadas, então, não apenas pelo profissional de Geografia em suas pesquisas e práticas de sala de aula, como, de resto, por todos os demais profissionais que lidam com a preparação educacional de cidadãos que poderão se tornar melhores profissionais no futuro ao experienciarem, durante sua vida escolar, as competências socioemocionais (LIMA, 2015, s/p).

A atenção às competências socioemocionais significa contribuir para o desenvolvimento dos discentes com criticidade e ao mesmo tempo com serenidade sobre os problemas do mundo, argumentando, escutando, compreendendo, interpretando o outro, reconhecendo e aceitando as diferenças, com uma postura ética e responsável no contexto coletivo, estabelecendo relações construtivas. Para Lima (2015, s/p) "Esse projeto socioemocional promove, dentre outras possibilidades, a capacidade de 'Outrar-se', isto é, colocar-se no lugar do Outro, buscar a Outridade (e não exatamente a Alteridade) favorecendo o que os anglófonos designam como o processo de '*Othering*'".

As reflexões apresentadas apontam, por um lado, a relevância de entender o espaço escolar como uma geografia emocional em si; e, por outro lado, compreendem que as relações intersubjetivas constituem essa geografia emocional. Além de compactuar com tais reflexões, entendemos que inserir a temática das emoções nos debates geográficos, isto é, de forma transversal, permite enaltecer um olhar sensível sobre nossas teorias e práticas, possibilitando também uma interação entre professores e alunos que valoriza as experiências singulares na relação com o espaço geográfico. Em nossa reflexão, propomos inserir o debate no campo das experiências urbanas, a partir das espacialidades emocionais de alunas e alunos de graduação em Geografia.

Sobre isso, Feildel (2013) ao realizar uma leitura afetiva sobre as questões urbanas, entende que as consequências práticas do elo afetivo na relação com o espaço constitui um conhecimento útil para o planejamento urbano e que isso contribui tanto para a lógica geográfica quanto para lógica projetiva no arranjo espacial das sociedades.

O autor problematiza que a experiência sensível é situada temporalmente, espacialmente e socialmente, e que é parte fundamental na dimensão espacial da existência. Em outras palavras, questionamos o modo de sentir ("re-sentimento"), isto é, de dar um significado particular à experiência emocional. Isso revela que o espaço não aparece como objeto de pura representação, mas que pode nos "afetar" profundamente.

> No entanto, a prática de planejamento e o planejamento urbano ainda dão relativamente pouca importância a essa dimensão emocional. Raramente se está interessado em emoções como recurso para a compreensão de expectativas, necessidades, julgamentos, a sua construção, bem como a resposta dos profissionais de desenvolvimento, enquanto eles desempenham um papel significativo na avaliação da ação e, portanto, diretamente na sua estruturação e implementação. Os desenvolvedores aprendem, em sua maior parte, a considerar suas emoções como uma fonte de distorção, responsáveis por vários erros de julgamento (FEILDEL, 2013, p. 57, tradução nossa).

Esse tipo de problemática nos instigou a colocar o debate em sala de aula, na disciplina de Geografia Urbana. Tendo em vista que a disciplina faz parte do 1º ano do curso de graduação em Bacharelado em Geografia da UEPG, o debate sobre uma dimensão sensível na análise espacial, pouca realizada nas perspectivas geográficas, pode propiciar outros olhares sobre as categorias espaciais na formação dessas alunas e alunos nas demais disciplinas do curso.

Tal interesse coaduna com a leitura de Feildel (2013) que afirma que relação afetiva com o espaço é um construto tanto individual quanto social e o que o sistema de afetos é produtor e produto de organizações socioespaciais, portanto, as cidades não são organizadas ou produzidas de forma neutra, porque somos criadores de afetos e geradores de modos de sentir.

> [...] como sensibilidades e espaçamentos — tanto espaciais quanto temporais — são construídos reciprocamente para organizar o espaço das sociedades? Quais são os processos de espacialização do afeto e como eles participam de uma expressão territorializada, tanto histórica quanto geográfica, individual e social, de sensibilidades? Mais ainda, é aqui a questão das afeições que está no coração, em particular o lugar da afetividade nas teorias da ação sobre o espaço. De fato, também é essencial que o planejamento urbano abordem essas questões e forneçam um lugar para o afeto no contexto da reflexão sobre as práticas intencionais e as modalidades processuais da transformação de espaços habitados (FEILDEL, 2013. p. 66, tradução nossa).

Bochet e Racine (2012) apontam que pode ser introduzida na Geografia Urbana, a mobilização de um repositório há muito esquecido na análise da dinâmica dos recursos urbanos: o referencial emocional. Os autores colocam em evidência a captura da dimensão socioemocional e emocional dessa relação com o espaço urbano, o que eles chamam de "componente psicossocial". Num estudo realizado, investigam a relação socioafetiva que as pessoas tecem com os bairros, levantando questões como o bem-estar psicológico, organizações associativas, marcadores territoriais e identidades de grupo, em que identificaram o papel do simbolismo de lugares e níveis de apego, satisfação, segurança, envolvimento, reconhecimento de avaliações comuns e estilos de vida comuns, empatia e pertencimento.

Tal interesse – pelos laços afetivos do indivíduo com a cidade, a distância subjetiva e as relações emocionais das pessoas com os lugares – na visão dos autores não parecem ter sido suficientemente qualificados, se não talvez, na literatura ficcional. Portanto, mostra-se a emergência desse importante campo fértil para as análises geográficas que incluam as temáticas urbanas. Nosso entendimento é que para romper com a marginalização da temática, esse tipo de abordagem possa estar presente na formação das alunas e alunos nos cursos de Geografia, sendo um tema que potencialmente pode ser trabalhado pelas diferentes áreas da Geografia. É preciso ainda uma reflexão metodológica sobre como incorporar o tema no ensino da Geografia. Um caminho é o uso das fotografias, como discutiremos a seguir.

Fotografias como recurso metodológico para pensar as emoções na Geografia

O uso de representações visuais surge junto com a própria estruturação da Geografia enquanto campo científico. Na descrição das paisagens, além dos relatos escritos, temos várias formas de representação, como mapas, pinturas, gravuras e outros recursos. Na contemporaneidade, o uso da fotografia é uma relevante metodologia para os estudos geográficos, visto a ampliação do acesso a equipamentos que possuem acesso a esse recurso, como os *smarthphones*.

Vislumbrando a potencialidade do uso de fotografias como recurso metodológico qualitativo no ensino da Geografia, apresentamos o desafio de aliar as fotografias com os debates sobre a vida urbana, incluindo as experiências emocionais. Partimos do pressuposto que aquilo que fotografamos cotidianamente faz parte de uma esfera de significado para a nossa vida cotidiana, portanto, são parte de nossas biografias, memórias e histórias. Por isso, podemos pensar as fotografias a partir de metodologias como "auto-fotografia" e "fotobiografia", que, em essência, têm o mesmo objetivo: colocar a centralidade na experiência do sujeito, que a materializa a partir da forma (a fotografia).

De acordo com Thomas (2009), a "auto-fotografia" é um método de pesquisa que utiliza as atividades fotográficas de sujeitos de pesquisa. Tipicamente, os sujeitos da pesquisa tiram suas próprias fotografias e as submetem ao pesquisador, que as analisa. O objetivo principal da auto-fotografia é produzir representações visuais do ponto de vista desses sujeitos, ao invés dos pesquisadores.

Para o autor, a auto-fotografia é comparada a métodos etnográficos que constroem dados textuais ou verbais ou que dependem da observação participante. Os dados textuais caracterizam mais tipicamente grande parte da pesquisa qualitativa social científica. Portanto, os dados auto-fotográficos oferecem formas alternativas, autoproduzidas e visuais de conhecimento sobre o mundo material e imaginário dos sujeitos de pesquisa. O uso da auto-fotografia em projetos de pesquisa também estimula a elucidação de fotos, que são dados verbais ou textuais derivados de entrevistas ou conversas em que os participantes explicam como e por que decidiram tirar suas fotos em particular. Assim, a auto-fotografia levanta questões sobre a política de representação ou como os pesquisadores podem incorporar adequadamente os pontos de vista, interesses e identidades de seus sujeitos de pesquisa.

Klingorová e Gökariksel (2019) apontam a potencialidade do uso de auto-fotografias para os estudos sobre as geografias emocionais do cotidiano, porque ajudam a entender a complexidade do tema, que podem não ser compreensíveis através de outros métodos geográficos. A força da auto-fotografia é sua combinação de representações visuais e narrativas, possibilitando identificar como os lugares comuns do cotidiano, sem qualquer significado aparente, como uma porta ou uma escada, podem ser locais de forte intensidade emocional. Os autores afirmam que o termo auto-fotografias enfatiza o papel ativo que os participantes desempenham na definição de lugares que gostariam de evidenciar na pesquisa científica.

As fotografias acrescentam perspectivas e percepções necessárias à compreensão das emoções baseadas no lugar, além daqueles métodos qualitativos convencionalmente reconhecidos, como entrevistas, grupos focais e diários. Tal metodologia pode ser combinada com entrevistas – chamada de elucidação de fotografias – produzindo um conteúdo visual e verbal que, dialogicamente, pode convidar à reflexão e à compreensão mais profunda das práticas comuns de produção de lugares e de formação de identidade (KLINGOROVÁ; GÖKARIKSEL, 2019).

Nesse mesmo caminho, Bruno (2010) propõe o uso das chamadas "fotobiografias". A autora afirma que as imagens são carregadas de memórias e que elas são emocionais. Essas fotobiografias são representações imagéticas verbal-visual. Para a autora, quando produzimos fotos ou as deixamos aos cuidados de outros, é, na maioria dos casos, para guardar a lembrança de acontecimentos, de encontros ou de momentos rituais de todo o tipo que acompanham nossas vidas.

Assim, parte-se do pressuposto inicial de como as pessoas organizam, isto é, como "formam" (a imagem enquanto "forma") e "montam" (a problemática da

"montagem") as fotografias por elas selecionadas, quando privilegiam um instante, uma impressão, uma surpresa ou um encantamento, com vistas à evocação e à transmissão de sua própria existência (BRUNO, 2010).

Esse tipo de recurso metodológico expressa de maneira estética e singular as "histórias de vida", revelando traços e vestígios de emoções, sensibilidades, sentimentos, que são sempre fragmentos da vida de uma pessoa ímpar. Essas histórias de vida elucidam encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto (BRUNO, 2010). Entendemos que há, portanto, a construção de uma historicidade que une emoção, memória e espacialidade.

> As Fotobiografias procuraram mostrar, com particularidade, como as pessoas constroem suas histórias, por meio de suas memórias, e a partir de um detalhe em um registro fotográfico, revelando um tipo de registro de memória pessoal e familiar, que se concretiza sobre a forma de imagem e evoca as próprias imagens. (BRUNO, 2010, p. 29).

França e Franzoi (2018) utilizam o termo "autofotografias" como uma abordagem qualitativa para entender que a ação humana contempla significações, atribuídos pelos sujeitos em seus contextos sociais. As autoras problematizam o conceito e a metodologia como caminho possível na prática pedagógica na sala de aula e na pesquisa em educação, possibilitando um espaço para a criação de diálogos, em que a fotografia serve como registro e análise. No caso da presente pesquisa, a fotografia traz o olhar e compreensão das alunas e alunos sobre suas experiências espaciais no espaço urbano, constituindo suas espacialidades emocionais ligadas à vida urbana de maneira geral, experienciada de forma distinta pelos jovens. Nessa prática, "Ao produzir suas próprias imagens, o sujeito expõe e comunica suas reflexões e seus saberes num ato criativo, gerando-se aí um espaço de encontro que contribui para que os sujeitos se apropriem da vida e criem formas de estar no mundo" (FRANÇA; FRANZOI, 2018, p. 3).

Como um recurso pedagógico, facilitador do processo de reflexão, as autofotografias podem revelar o que nem sempre é facilmente descrito em palavras, expressando valores, desejos e sonhos que fazem parte do cotidiano de vida das pessoas, sendo, portanto, uma forma de construir conhecimento. Sobre isso, consideram a

> […] fotografia como algo que avança e que penetra o campo do saber, capaz de estabelecer diálogos com o visível, com o invisível, com o local, com o outro, consigo mesmo, com a realidade, com a criatividade e a sensibilidade, num processo reflexivo que expõe o momento vivido. Isso faz com que o sujeito-fotógrafo perceba-se como parte do processo de criação e produção, aproximando, no caso desta pesquisa, o trabalhador-estudante de suas próprias

> construções, enquanto sujeito social. A fotografia foi concebida, neste estudo, como atividade criadora, capaz de revelar experiências, formas de expressão e construção da realidade (FRANÇA; FRANZOI, 2018, p. 6).

Bruno (2009) entende as fotografias como "formas que pensam" e acredita que toda imagem é portadora e veicula um pensamento. Por isso, nos carrega para outros horizontes, o que a autora chama de "territórios da memória". Para ela, toda imagem é uma memória de memória(s) e uso de fotobiografias possibilita expressar de maneira estética singulares "histórias de vida". Esse recurso metodológico pode ser lido "[...] como um campo de forças que se cruzam e um sistema de relações que coloca em jogo diferentes instâncias enunciativas (o verbal), figurativas e perceptivas (o visual)" (BRUNO, 2009, p. 75).

Essa perspectiva é compartilhada por Silva, Bomfim e Costa (2019) que ao problematizarem a discussão de paisagem, fotografia e mapas afetivos, apontam que as pessoas guardam imagens e memórias dos lugares que de alguma forma os tocaram. As imagens, na tradição geográfica, podem ser lidas como potentes de percepção e compreensão do mundo, porque evocam as sensibilidades e a potência da observação. Portanto, as fotografias oferecem diferentes olhares sobre a realidade, isto é, diferentes "geografias".

Propor esse tipo de reflexão para os debates de uma disciplina específica, como a Geografia Urbana, coloca em cheque a dimensão objetiva da ciência que desconsidera as motivações particulares das pessoas. Nossa intenção foi de motivar formas de expressar e exercitar as dimensões subjetivas das alunas e alunos, em conexão com as problemáticas urbanas e no contexto de sala de aula, contribuindo para um pensar sobre si e em relação com os outros, sendo parte relevante na formação enquanto profissionais e cidadãs e cidadãos.

A Geografia das Emoções de jovens que pensam, sentem e (re)existem no espaço urbano

Com base nos pressupostos refletidos, nosso intuito foi debater o tema na disciplina de Geografia Urbana no curso de Bacharelado em Geografia da UEPG. Além dos temas recorrentes e já consolidados, pensou-se incluir temáticas que levem em consideração a constante renovação da perspectiva geográfica, bem como os interesses das alunas e alunos, colocando em evidência discussões atuais, tão presentes em suas experiências cotidianas. A temática das emoções, do imaginário geográfico, de um olhar

sensível sobre o espaço urbano, tornou-se central na construção da disciplina, o que motivou um momento específico para a discussão da Geografia das Emoções e o interesse em construir, de forma coletiva, uma exposição de fotografias na XXV Semana de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, ocorrida em setembro de 2018. Assim, a dinâmica foi construída da seguinte forma: debate teórico e conceitual sobre a Geografia das Emoções e a questão urbana; entendimento técnico sobre o uso de fotografias; partilha das geografias emocionais a partir das "fotobiografias"; organização coletiva da exposição fotográfica; e a exposição das fotografias no espaço da Universidade.

A experiência em sala de aula foi iniciada com discussões teóricas e conceituais sobre a Geografia das Emoções. Para o primeiro contato com o tema, foram disponibilizados nove textos de diferentes experiências e debates que incluíam a relação das emoções com questões urbanas, incluindo textos em espanhol e de outras áreas do conhecimento, como Antropologia, Sociologia, Arquitetura e Urbanismo. Essa primeira leitura foi importante para apresentar a reflexão e mostrar as possibilidades empíricas sobre o tema.

Os debates em sala de aula, durante a disciplina, incluíram os caminhos e perspectivas dessa incipiente reflexão, o histórico das questões emocionais na Geografia, algumas definições sobre o que é a Geografia das Emoções, a razão de discutir as emoções e as categorias espaciais, os desafios teóricos e metodológicos, temas de interesses e quais as possibilidades empíricas de diálogo, o que inclui as experiências emocionais relacionadas ao espaço urbano.

Nesse debate, evidenciamos as emoções como algo para além da esfera individual, pois fazem parte das nossas relações sociais e a necessidade de reconhecer a presença de emoções em nossas interpretações e compreensões do mundo. Tal proposta analisa a relação das pessoas e o espaço a partir das emoções, buscando compreender qual a dimensão emocional das representações espaciais, tendo, portanto, as pessoas como centralidade. Tal entendimento conecta-se com a reflexão de Lindón (2019, p. 34, tradução nossa) ao afirmar que:

> As práticas da vida cotidiana — com todos os significados que as acompanham e os imaginários nos quais podem ser entrelaçadas — são cruciais para qualquer compreensão da cidade como território vivido. No entanto, a consideração da afetividade incorporada que acompanha as práticas abre uma melhor aproximação do próprio fenômeno urbano. Algo que afeta é, portanto, principalmente algo que influencia o eu e é materializado no corpo, mas também pode se referir a algo que exerce uma influência sobre outras pessoas através de um grau de afeto presente em nosso corpo.

Percebemos que esse tipo de reflexão conecta-se diretamente com as experiências das alunas e alunos, motivando-os a colocar em debate seus olhares sobre o cotidiano. Quando criamos espaços de debate que colocam como centralidade as pessoas e suas experiências, valorizamos suas histórias singulares, o sentir-se parte da construção do conhecimento, a horizontalidade da partilha e o pacto de confiança. Esse tipo de interpretação ficou mais claramente explícito na exposição visual e verbal das fotografias.

Após as reflexões teóricas e conceituais, construímos um debate interdisciplinar com o curso de Jornalismo, em especial, com integrantes do projeto "Lente Quente", um projeto de extensão da UEPG. A intenção era apresentar o uso da fotografia como um recurso para a Geografia, portanto, apontando sua potencialidade metodológica. O debate levantou aspectos técnicos da fotografia, incluindo luz, enquadramento, foco, centralidade e cores. Os integrantes do projeto de extensão, incluindo o coordenador, participaram das aulas da Geografia Urbana e trouxeram outros olhares para pensar a construção do conhecimento geográfico, em que evidenciamos a necessidade de construir pontes de diálogo com outras áreas do conhecimento para resolver nossas problemáticas espaciais.

Levando em consideração as discussões teóricas e conceituais sobre a Geografia das Emoções e a possibilidade de utilização de fotografias como recurso metodológico para "materializar" as espacialidades emocionais, foi lançado o desafio para que as alunas e alunos levassem para a disciplina de Geografia Urbana uma foto pessoal que retratasse uma experiência emocional deles com algum lugar que tenha significado. As alunas e alunos poderiam retratar tanto emoções positivas (topofilia) ou negativas (topofobia). As diretrizes incluíam "Soltem a imaginação e a criatividade! Qualquer fotografia é bem vinda!".

A atividade buscou levar em consideração duas questões trabalhadas por Bruno (2009): o duplo registro do verbal e do visual das fotografias. Assim, a ideia era problematizar como as alunas e alunos escolhem e organizam, isto é, como "formam" e "montam" as fotografias que foram escolhidas, com vistas à evocação e transmissão de sua própria existência. Com essa perspectiva, partimos da ideia que há um caráter simbólico que as imagens podem construir sobre os lugares.

Foi solicitado que encaminhassem as fotografias previamente por e-mail e que apresentassem a fotografia em sala de aula, explicando a relação emocional e dialogando com os debates da disciplina. Propomos uma apresentação de até 5 minutos, sendo que as fotografias foram expostas para toda a turma e cada um revelava a relação emocional

com os lugares retratados. O momento de exposição foi realmente muito singular. Pensando na experiência profissional enquanto docente, foi recompensador sentir a confiança que esses alunos e alunas depositaram em seus relatos que tornaram públicos naquele momento, ao revelarem suas experiências mais íntimas, incluindo questões que envolvem família, sexualidade, classe social, valores, dentre outros aspectos. A apresentação das fotografias explorou a relação emocional com os lugares, os contextos, os diferentes momentos da vida, incluindo a experiência universitária.

> O que esses interlocutores reuniram são acontecimentos, simples acontecimentos. Dito isto, se existir, todavia, algo novo nessas fotografias reencontradas, escolhidas, ordenadas dois componentes são referências da memória humana: o tempo e o espaço. Sem temporalidade e espacialidade não existem verdadeira memória, verdadeiras lembranças que possam nascer. […] as imagens expressam antes de tudo dados afetivos, sensíveis, emocionais (BRUNO, 2010, p. 36-37).

Vamos expor algumas dessas fotografias, protegendo a identidade desses alunos e alunas, conforme os princípios éticos científicos e com a autorização dessas pessoas.

Antonia* trouxe sua experiência numa trilha, porque ela diz que "gosto muito de trilha" e se entende como "pessoa da natureza". A experiência foi numa caverna da região de Ponta Grossa - PR e Antonia* enaltece a questão da luz do Sol na copa das árvores, conforme figura 1.

Figura 1 - A Geografia Emocional da aluna Antonia*



Fonte: Aluna Antonia* (2018)

Ao revelar sua geografia emocional, Antonia* afirma "[…] me senti parte daquele lugar". Aqui percebemos uma associação espacial ligada ao sentimento de pertencer a algum lugar, o que podemos estabelecer uma ponte de reflexão com o conceito de lugar

no âmbito da Geografia Humanista. Pensando essa experiência com as temáticas urbanas, podemos entender que a conexão com essa noção de "natureza" revela-se, para muitos, como uma necessidade de "fuga" do ritmo frenético da vida urbana. No caso de Antonia*, ela entende que sua conexão com esse lugar está pelos elementos da natureza, já que se sente como parte intrínseca dessa conexão.

A fotobiografia de José* traz uma representação do lugar que nasceu e cresceu. Ele se lembra da sua "infância no lugar", das brincadeiras e das memórias felizes. A interpretação de José* sobre sua fotobiografia têm conexões íntimas com a sua família. Como descendente de holandeses, José* afirma que essa fotobiografia lembra os seus avós e que era um lugar onde "ia com a mãe".

O moinho, sendo um elemento central de sua fotobiografia conforme figura 2, na visão de José*, faz parte de aspectos culturais da cidade onde mora, sendo portanto, parte simbólica da dinâmica da cidade. Ele diz que "[...] o moinho em si é um símbolo cultural, familiar, sentimental", lembrando-se da "moagem de grãos", da "hélice na sua infância" e da "fileira de árvores" que fazem parte da sua conexão com esse lugar.

Figura 2 - A Geografia Emocional do aluno José*



Fonte: Aluno José* (2018)

Esse tipo de entendimento nos revela que o discurso das pessoas dá a forma da vida urbana. Os fragmentos de biografias que estão sendo narrados estão relacionados a circunstâncias vividas específicas, sendo que a construção socioespacial da cidade como espaço de vivência gira em torno de um núcleo central: as práticas espaciais de seus habitantes, isto é, suas ações cotidianas. Essas ações possuem um significado (funcional, interesse, prazer), o que pode explicar a dimensão simbólica e a densidade dos lugares, possibilitando a construção de um imaginário urbano que gera formas de compreender o mundo, modos de ser e comportar-se, além das ações coletivas.

Com essa experiência, é possível entender as fotobiografias como visibilização e produção de sentidos e como os estudantes percebem e narram a si e ao outro nas cenas cotidianas. Esse tipo de visibilização permite exercícios oportunos de apropriação de si, percebendo-se e situando-se nas decisões que tomou, a partir do que sentiu e do como imaginou, tomando posse de sua própria experiência (GOMES, 2018).

Mario*, por exemplo, foca na questão social em sua fotobiografia, conforme figura 3. Ele traz uma experiência no terminal central de ônibus de Ponta Grossa - PR. Em seu relato, essa experiência é emocional, porque Mario* vê que esse espaço, tão representativo da vida urbana, é um espaço que ele gosta de observar, conversar e ajudar as pessoas.

Segundo ele, essa experiência instiga-o a questionar-se porque as pessoas estão naquele lugar. Há um exercício de um imaginário geográfico que o faz imaginar a vida dessas pessoas, observar suas expressões faciais como forma de entender a vida delas. Essa imaginação relaciona-se com o relato de Mario* e a experiência que ele teve com um senhor durante a realização dessa atividade, em que ele passou um tempo conversando e conhecendo a história de vida dessa pessoa.

Figura 3 - A Geografia Emocional do aluno Mario*



Fonte: Aluno Mario* (2018)

O relato de Mario* coaduna com as reflexões de Lindón (2019) quando afirma que os elementos não materiais estão indissociavelmente entrelaçados com as formas espaciais com as quais coexistem, embora sejam muitas vezes negligenciados na análise urbana; por outro lado, tanto a cidade como a vida urbana são incessantemente configuradas pelo fluxo da vida cotidiana - são fases instáveis da vida social.

No caso de Madalena*, sua fotobiografia é da praça de sua vila, conforme figura 4. Essa fotobiografia, segundo ela, faz lembrar da sua infância. Madalena* diz que sente "saudades dos momentos felizes da infância". Essa saudade está conectada com as

relações intersubjetivas que ela construiu no momento passado. Ao colocar sua experiência de infância, conectada com um espaço público, como o parquinho, cria-se a expectativa de que sua referência pessoal sirva como fonte de produção do conhecimento, colocando-a como protagonista de sua história, portanto, vendo aquele lugar como único e passível de ser preservado, por exemplo.

Figura 4 - A Geografia Emocional da aluna Madalena*



Fonte: Aluna Madalena* (2018)

O relato de Madalena* é cercado de nostalgia quando ela interpreta sua fotobiografia e afirma que, apesar da praça continuar lá, "não vai mais ser como antes". Essa reflexão de Madalena* articula o que Lindón (2019) diz sobre a vivência, a experiência holística e existencial de estar em um determinado lugar. Há a configuração material ou montagem dos lugares que os sujeitos criam todos os dias através de suas moradas, o que implica a eliminação de certas formas espaciais, bem como objetos específicos, e a integração de outros, de acordo com o estilo de vida do sujeito e as práticas que o compõem.

O fotobiografia e a narrativa de Willian* é cercado de elementos emocionais. Ele interpreta vários acontecimentos significativos de sua vida relacionado a um espaço bastante "marginalizado" na vida urbana: os espaços cemiteriais, como vemos na figura 5. Willian* apresenta a sua fotobiografia a entrada de um cemitério municipal, onde ele diz que passa por ali "quase que diariamente". Ele entende que o cemitério liga pessoas e saudades e entende que é um "[...] lugar que a gente não pertence agora, mas daqui um tempo a gente vai pertencer".

Figura 5 – a Geografia Emocional do aluno Willian*



Fonte: Aluno Willian* (2018)

A relevância desse lugar para Willian* é porque "Meu pai está enterrado aqui". Segundo ele, o cemitério traz um sentimento de "negligência", por conta dos conflitos entre sua mãe e seu pai. Willian* afirma que não foi reconhecido pela família do seu pai, já que ele morreu antes do Willian* nascer. Diz ainda que conhece os relatos de violência do seu pai com relação à sua mãe e que sente o fato de não ter convivido com a família do seu pai, porque assim eles […] "iam saber quem eu sou". Essa sua fala está relacionada com sua orientação sexual. A interpretação narrativa de sua fotobiografia é recheada de vários sentimentos, mas é evidente o sentimento de angústia ligado à esse espaço, mesmo a partir de uma experiência que não viveu, ligada ao pai e a família dele.

O relato de Willian* está ligado com o que Lindón (2019) chama de "estoques de experiência" que essas biografias constroem, acumulando *insights* que permitam enfrentar novas experiências urbanas. No caso de Willian*, sua experiência urbana ligada aos espaços cemiteriais faz parte de uma experiência espacial que dá "forma" à sua vida e que se conecta à outras construções socioespaciais.

Tereza* traz uma fotobiografia relacionada ao seu animal de estimação e ao seu quarto, como vemos na figura 6. Ela diz que sua gata desperta "um sentimento bom", porque quando adotou o animal, a gata tornou-se sua companheira. Esse sentimento relaciona-se com que Tereza* fala sobre o fato de ter saído de casa.

No seu relato, Tereza* diz que "me sentia estranha em casa", referindo-se à casa da tia. No desenrolar de sua vida, ela saiu de casa e ouviu "agora você vai seguir sozinha". Segundo Tereza*, "foi o pior dia da minha vida". Por isso, ter adotado o animal

de estimação é uma experiência emocional para ela, porque está ligado à sua nova experiência em uma nova casa, que ela vê que "[...] a minha casa é segurança. Eu sei que a minha casa é aqui".

Figura 6 - A Geografia Emocional da aluna Tereza*



Fonte: Aluna Tereza* (2018)

As fotos ao fundo também conectam-se às experiências emocionais de Tereza*, porque representam seus amigos e suas relações de amizade. Com essa experiência, é possível entender as fotobiografias como visibilização e produção de sentidos e como os estudantes percebem e narram a si e ao outro nas cenas cotidianas. É possível ver também as diferentes escalas espaciais que tal experiência fotobiográfica revelou: o espaço do quarto, do bairro, do centro da cidade, elementos que são parte das dinâmicas sociais e espaciais da vida urbana.

Há também uma noção de pertencimento associado aos lugares representados na fotobiografia. Maria* afirma que "[...] nunca tinha pensado sobre essa coisa de pertencer". A fotobiografia de Maria*, como vemos na figura 7, a faz lembrar de sua cidade. No entanto, no processo de descontrução cotidiana, ela entende que "[...] eu me sinto pertencendo à Ponta Grossa pela mulher que sou hoje". Podemos entender que a mudança de cidade, isto é, a mudança de experiência espacial, conecta-se com a própria mudança que Maria* interpreta sobre quem ela é, isto é, há um entendimento de si no mundo e na relação com o espaço. Tal leitura reforma o entendimento de Lindón (2019, p. 34) que afirma que "Qualquer decifração do contexto urbano é mais enriquecida considerando-se a relação entre afetividades ou emoções e corporeidade do que considerando as emoções em si".

Figura 7 – a Geografia Emocional da aluna Maria*



Fonte: Aluna Maria* (2018)

Depois da construção das narrativas emocionais ligadas às fotobiografias, propusemos a organização da exposição fotográfica para a XXV Semana de Geografia da UEPG em 2018, tendo em vista que como a turma era do primeiro ano da graduação, a exposição possibilitou uma participação efetiva das alunas e alunos no evento. De forma coletiva debatemos sobre qual seria o nome da exposição fotográfica. Tendo em vista os relatos e o conteúdo das experiências, as alunas e alunos intitularam a exposição como "Pensar e sentir para (re) existir: por uma Geografia das Emoções".

Foi interessante perceber o envolvimento coletivo na construção das narrativas e da exposição. Entendemos que esse tipo de envolvimento possibilita construir laços emocionais que conectem mais intimamente as alunas e alunos que convivem diariamente. Isso ficou evidente quando conversamos sobre a atividade e como muitas das alunas e alunos entenderam que suas experiências individuais também são experinciadas pelos outros colegas. Nossa interpretação conecta-se com a reflexão de Gomes (2018, p. 76) ao salientar que:

> Os comentários dos estudantes transbordam por serem carregados com as perspectivas que o sujeito tem de si mesmo, do mundo e da sua forma de significá-los, revelando suas dúvidas, certezas e opiniões. No discurso sobre o objeto fotográfico existe algo que chamamos de construção, descoberta, auto-afirmação diante de si e do outro.

Foram divididas as atividades para a organização da exposição (figura 8): montagem de um painel explicativo, emolduramento das fotografias, colocação de legendas explicativas das fotos criadas pelos autores e autoras, e a organização efetiva das fotografias, colocadas no hall da Central de Salas de Aula da UEPG (figura 9).

Figura 8: Organização coletiva da exposição fotográfica



Fonte: Acervo pessoal, 2018

Figura 9: Exposição "Pensar e sentir para (re)existir: por uma Geografia das Emoções"



Fonte: Lente Quente, 2018

Compartilhamos nossa experiência com a proposta construída por Gomes (2018), ao propor uma reflexão sobre memória fotobiográfica de alunos e alunas que convivem cotidianamente. Sua interpretação é que a fotobiografia funciona como uma oportunidade de auto-definição do sujeito, colocando sua experiência como uma experiência válida "[…] visto que a proposta da fotobiografia estará vinculada à produção de narrativas e auto-narrativas com a finalidade de, pela reflexão e o dizer de si, o sujeito possa criar caminhos de escape da alienação do próprio processo de constituição de sua identidade e subjetividade" (GOMES, 2018, p. 78).

Ao relatar sobre a prática fotobiográfica desenvolvida no contexto da formação em Geografia na UEPG, colocamos em cena as experiências de algumas alunas e alunos, de um total de vinte e duas fotobiografias. Em comum, vimos que parte dessas experiências estava associada ao momento presente, as transformações com a vida universitária, a saudade da casa de origem, a nostalgia de tempos vividos, com diferentes escalas de experiência no contexto da vida urbana. A partilha foi bastante positiva em vários aspectos: a provocação que foi realizada na disciplina com questões que não haviam sido pensadas anteriormente pelos/pelas estudantes; a confiança atribuída no processo narrativo da fotobiografia; a relação de proximidade estabelecida após os relatos; o reconhecimento de si na relação com o mundo e o outro; as semelhanças de histórias; e a relevância dessas histórias como parte da construção do conhecimento científico, em particular, às questões espaciais.

A proposta de trabalhar com a Geografia das Emoções na disciplina de Geografia Urbana, colocando em discussão o papel das fotobiografias, foi um modo de provocar reflexões e romper certos paradigmas na construção do conhecimento, evidenciando o papel ativo das alunas e alunos, bem como a responsabilidade que possuem em (re)pensar suas práticas espaciais.

Ao propor tal experiência, a intenção foi evidenciar que suas experiências emocionais podem ser locais de expressão de certas espacialidades, apontando que a inclusão dessas experiências pode enriquecer e ampliar nosso olhar crítico sobre o cotidiano. Tal processo possibilita uma consciência crítica de si com o mundo, funcionando como um importante caminho de (des) construção, de respeito e consideração às múltiplas formas de viver e construir o conhecimento. Cabe destacar que não são as fotografias, por si mesmas, que permitem a análise das emoções, mas o contexto de diálogo com as alunas e alunos, portanto, fotografias e narrativas caminham juntas para entender a atmosfera emocional que envolve as espacialidades cotidianas e que podem ser fontes de (re)construção de conhecimentos geográficos,

Considerações finais

A Geografia das Emoções mostra-se como uma discussão transversal na perspectiva geográfica, visto a pluralidade de reflexões sobre a temática no contexto internacional. As pesquisas internacionais demonstram a possibilidade de colocar as emoções como elemento central para entender a produção do espaço e de diferentes espacialidades. Assim, o conteúdo emocional contribui para um olhar sensível sobre as práticas espaciais, colocando as pessoas como ponto de partida para entender suas experiências emocionais e espaciais.

Do ponto de vista metodológico, trabalhar com as emoções lança diferentes desafios. É necessário privilegiar metodologias qualitativas, que sejam flexíveis para os distintos caminhos que se pode percorrer no debate sobre as emoções. A arte da escuta é uma forma de dar visibilidade às emoções, que aparecem nas narrativas de sujeitos da pesquisa, na relação entre ouvinte e narrador, e na interpretação que o pesquisador fará sobre essas histórias. No (re) conhecimento do Outro, entendemos também quem nós somos.

Trabalhar com as emoções também desperta um interesse sobre o papel e atuação dos pesquisadores frente aos seus contextos de ação, envolvidos por uma atmosfera intersubjetiva que contribui na forma como a pesquisa será interpretada.

Assim, uma análise atenta sobre as emoções nos permite entender a pluralidade e singularidade dos fenômenos espaciais, reconhecendo-as como inerentes às práticas sociais. As relações intersubjetivas são mediadas pelas emoções, que constroem espacialidades específicas, portanto, contextos sociais também específicos. Dor, medo,

raiva, felicidade, tristeza, vergonha, angústia, prazer são algumas das emoções que podem figurar nos estudos geográficos e na análise de espacialidades, como foi possível notar nas narrativas que compõem as fotobiografias.

A maneira como interpretamos o espaço e damos sentido e significado às espacialidades do cotidiano é evidenciada por nossas experiências emocionais. É fundamental na atuação docente construir espaços em sala de diálogo que possam evidenciar as singularidades das experiências espaciais das alunas e alunos, podendo construir um debate coletivo a partir dessas experiências e suas similitudes, potencializando uma atmosfera emocional que coloca o sentir como fonte essencial para a compreensão do mundo, das relações e das geografias. Nossa pesquisa é um convite para a reflexão-ação.

Agradecimentos

Agradeço as alunas e alunos do curso de graduação em Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que cederam gentilmente suas fotobiografias para compor as reflexões do presente artigo. Agradeço as agências de fomento que contribuem para as pesquisas científicas, em especial o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Por fim, agradeço a autora *bell hooks*, cuja visão da educação como prática da liberdade e da inclusão, foram inspiradoras para a minha reflexão.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Kay; SMITH, Susan. Editorial: Emotional Geographies**. Transactions of the Institute of British Geographers**. Volume 26, Issue 1, March 2001, p. 7-10.

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a geografia racionalista. In.: HEIDRICH, Álvaro; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (orgs.) **Maneiras de ler geografia e cultura.** Porto Alegre : Imprensa Livre : Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 98-105.

BARROS, Manoel de. **Menino do mato.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick. **Introduction: Geography's Emotional Turn.** In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (eds.). Emotional Geographies. Aldershot: Ashgate, 2007, p. 1-16.

BRUNO, Fabiana. **FOTOBIOGRAFIA: Por uma Metodologia da Estética em Antropologia.** Tese (Doutorado em Multimeios). Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Unicamp, 2009.

_____. Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia. **RESGATE** - Vol. XVIII, No. 19 - jan./jul. 2010, p. 27-45.

BOCHET, Béatrice; RACINE, Jean-Bernard. Connaître et penser la ville: des formes aux affects et aux émotions, explorer ce qu'il nous reste à trouver. Manifeste pour une géographie sensible autant que rigoureuse. **Géocarrefour**, vol. 77, n°2, 2002. pp. 117-132.

FEILDEL, Benoît. Vers un urbanisme affectif. Pour une prise en compte de la dimension sensible en aménagement et en urbanisme. **Norois** [En ligne], 227 | 2013, p. 55-68.

FRANÇA, Damiana Matos Costa; FRANZOI, Naira Lisboa. Autofotografia como possibilidade metodológica em pesquisa: o método autofotográfico e as produções de trabalhadoras/es estudantes de duas regiões brasileiras. **Imagens da Educação***,* v. 8, n. 1, 2018, p. 1-16.

GOMES, Heitor Rocha. Arquivos da memória fotobiográfica de estudantes: retratos, narrativas e cotidianos da escola**. Anais Seminário Interlinhas** — Fábrica de Letras, 2018, p. 73-78.

HARGREAVES, Andy. Emotional Geographies of Teaching. **Teachers College Record** Volume 103, Number 6, December 2001, p. 1056–1080.

KENWAY, Jane Kenway; YOUDELL, Deborah. The emotional geographies of education: Beginning a conversation. **Emotion, Space and Society**, 4, 2011, p. 131-136.

KLINGOROVÁ, K; GÖKARIKSEL, B. Auto–photographic study of everyday emotional geographies. **Area**. 2019, p. 1– 11.

LIMA, Ivaldo. As competências socioemocionais e o ensino de Geografia. V Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2015, Havana. Por una América Latina Unida y Sustentable. **Anais…** 2015. v. 1.

LINDÓN, Alicia. The lived city: everyday experiences, urban scenarios, and topological networks. **Geogr. Helv**., 74, 2019, p. 31–39.

LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. Presentación: Afecto, sentido, sensibilidad: miradas transversales sobre paisaje y emoción. IN: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. **Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales**. Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, 2009. p. 5-9.

SILVA, S. H. G.; BOMFIM, Z. A. C.; COSTA, O. J. L. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. **Geosaberes,** Fortaleza, v. 10, n. 21, 2019. p. 1-22.

THOMAS, M. E. Auto–Photography. **International Encyclopedia of Human Geography**, 2009. p. 244–251.

WATKINS, M. Teachers' tears and the affective geography of the classroom. **Emotion, Space and Society,** 4(3), 2011, p. 137–143

Recebido em 24 de março 2020.

Aceito para publicação em 05 de novembro 2020.